

Capítulo 3

José González-Monteagudo, David Herrera-Pastor & M. Teresa Padilla-Carmona

Abordagens biográfico-narrativas com estudantes universitários não-tradicionais

Introdução

Neste capítulo¹ apresentamos alguns dos fundamentos epistemológicos que justificam o uso das abordagens biográfico-narrativas com estudantes universitários não-tradicionais. Historicamente, os estudantes que acederam e frequentaram o ensino superior tinham um perfil muito homogêneo. Desde há alguns anos, estão a começar a frequentar o ensino superior estudantes que possuem uma série de características que diferem desse perfil convencional. Johnston (2011) define esse grupo como aqueles estudantes minoritários cuja participação está limitada por aspetos estruturais. Entendemos que essa realidade deve ser explorada para que estes aspetos estruturais se adaptem às exigências existentes e procurem as condições necessárias que garantam a todas as pessoas as mesmas oportunidades, durante o desenvolvimento dos seus estudos superiores.

Nos últimos anos, tanto em Portugal como em outros países, desenvolveu-se um interesse crescente em relação às abordagens biográfico-narrativas, como uma estratégia para investigar os diferentes perfis de estudantes universitários, incluindo os grupos não-tradicionais. Entre as temáticas investigadas figuram as trajetórias e carreiras, as identidades pessoais e educativas, as experiências de aprendizagem, os momentos de transições

¹ Tradução do espanhol para português realizada por António Frago

relevantes, os marcos universitários institucionais, os fatores que facilitam ou dificultam os estudos, e as formas como se gerem e vivenciam as dinâmicas complexas vinculadas ao capital social, económico e educativo.

As abordagens biográficas e narrativas têm atingido uma legitimação científica progressiva e um uso crescente porque trazem, no âmbito do paradigma qualitativo, uma visão subjetiva, experiencial e longitudinal. Além disso, complementam as abordagens centradas em dimensões ou variáveis quantitativas. É importante estudar as vozes e as perspetivas dos estudantes universitários não-tradicionais, para documentar e analisar em que estado se encontram. Trata-se de uma perspetiva indutiva que parte dos testemunhos dos autênticos protagonistas e, portanto, de situações reais. Estas realidades têm muitos artistas e, por conseguinte, podem desviar o foco para aspetos distintos (como experienciam os processos de aprendizagem, como se percebem a si mesmos como alunos, como se desenvolve e evolui a sua identidade nesse sentido, etc.). Em qualquer caso, a lógica narrativa é a que melhor compreende e recria este tipo de realidades e, aliás, fá-lo incorporando uma mais-valia ética e política. Em primeiro lugar, porque é uma lógica muito adequada para tornar visíveis e denunciar situações que frequentemente passam despercebidas; em segundo lugar, porque contribui para o desenvolvimento de uma consciência que pretende atingir uma mobilização em prol da justiça e da melhoria social.

Neste capítulo também refletimos sobre a entrevista biográfica, que é a principal técnica de recolha de informação associada às abordagens em análise, com o objetivo de permitir a sua melhor utilização se quisermos conhecer aspetos da população universitária não-tradicional.

Uma das ideias mais claras relativamente a este tema é a de que no ensino superior precisamos de conhecer a experiência dos estudantes não-tradicionais, se quisermos construir um contexto plenamente inclusivo que garanta o desenvolvimento pleno de todos os estudantes. É nesta lógica que as abordagens biográfico-narrativas surgem como um dos meios mais adequados para consegui-lo.

Estudantes não-tradicionais no ensino superior

Até há poucos anos atrás, os estudantes que frequentavam o ensino superior possuíam características genéricas similares. A maioria podia-se enquadrar num padrão análogo. Atualmente, as características destes estudantes estão a diversificar-se, o que é um motivo de satisfação. Pessoas de origens diversas têm cada mais acesso e conseguem completar uma etapa formativa que parecia ser exclusiva de uns poucos. A incorporação de uma população mais plural no ensino superior simboliza uma democratização dos sistemas educativos, o êxito nas etapas anteriores e uma via segura de promoção educativa e social para todos.

Ainda assim, importa perceber que a universalização da educação superior, em termos de diversidade, é ainda um projeto incipiente. A universidade tem uma longa história de funcionamento à volta de uma população estudantil muito bem determinada, o que supõe dificuldades para todos os que têm características distintas, que são ainda um grupo minoritário. Neste sentido, o sistema de ensino superior deve estar atento e preparado para responder adequadamente às necessidades que se coloquem. Por isso, é indispensável trabalhar na construção de ambientes inclusivos que permitam a vivência de uma experiência universitária plena.

Entendemos por não-tradicionais os seguintes estudantes universitários: estudantes de baixo capital cultural e de primeira geração, cujos pais não possuem habilitações superiores; estudantes de baixo capital económico e de classe trabalhadora; estudantes maduros ou adultos (maiores de 25 anos), que geralmente combinam o trabalho com o estudo; mulheres com grandes cargas familiares e/ou situações de desigualdade; pessoas imigrantes ou pertencentes a grupos étnicos minoritários; pessoas com deficiência (González-Monteagudo, 2010). Definitivamente, trata-se de pessoas que, nos seus estudos universitários, têm que fazer maior esforço do que os estudantes convencionais, e enfrentar e lidar com a circunstância pela qual são considerados não-tradicionais.

Os itinerários e carreiras de aprendizagem dos grupos não-tradicionais são complexos, múltiplos e inter-relacionados, pois são influenciados por fatores externos (políticas regionais, estatais e europeias; ambiente local e comunitário; meio familiar), por fatores internos (culturas institucionais das universidades, processos de ensino e aprendizagem; práticas educativas quotidianas) e pela própria dinâmica do self, tanto psicológico como social.

O ensino superior, enquanto estrutura do sistema educativo, deve garantir o acesso e o desenvolvimento adequado de todos os estudantes, independentemente das suas características singulares ou das suas circunstâncias sociais. Isso quer dizer que deve tentar contrariar as realidades que podem colocar os estudantes em situação de desvantagem. Para isso, o ensino superior deve estabelecer políticas e pôr em marcha medidas equitativas relativas à diversidade, que garantam as mesmas oportunidades para todos. Essas políticas e medidas devem ser transversais e incluir tantos aspetos da vida universitária quantos sejam necessários (seja a eliminação de barreiras arquitetónicas, ou a adequação dos elementos didáticos dos processos de aprendizagem), isto é, qualquer elemento que signifique um obstáculo nesse sentido. Trata-se de procurar fórmulas que deem uma resposta satisfatória a todas as situações possíveis; fórmulas essas que passam pelo envolvimento de todos os agentes que se encontrem implicados, direta e/ou indiretamente (González-Sanmamed & Raposo, 2009) e pela construção dos ambientes inclusivos já mencionados.

Para realizar esse caminho de maneira adequada, importa conhecer de forma exaustiva a situação dos estudantes não-tradicionais no ensino superior e os contextos em que vivem no dia-a-dia. Esta é uma linha de investigação de importância crescente. Ainda que se possa estudar de formas diferentes, partir das experiências e dos testemunhos daqueles que vivem a situação, na primeira pessoa, é fundamental para compreender a realidade que experienciam, as necessidades que se lhes colocam (dificuldades, ameaças, etc.) e como deve a universidade responder à sua situação. Por isso, a metodologia narrativo-biográfica, indutiva e vivencial, revela-se uma

metodologia muito pertinente para explorar este campo.

A diversidade possibilita o enriquecimento. A diversificação permite completar a experiência de aprendizagem de todos os alunos (García-Rodríguez et al., 2014). Também sob um ponto de vista populacional, a comunidade universitária (incluindo os seus graduados) deveria ser tão plural quanto a sociedade em que se encontra. Se não é assim, é porque existem elementos segregadores que impedem que isso ocorra. Por isso a educação superior deve eliminar todos os obstáculos que puder (estruturais e conjunturais), para começar a converter-se no reflexo da diversidade que compreende o conjunto da cidadania.

Epistemologia narrativo-biográfica: Lógica, ética e política

Nesta secção justificamos por que motivos a metodologia biográfico-narrativa é tão pertinente para o estudo da realidade que vivem os estudantes não tradicionais. Essa justificação divide-se em duas partes: na primeira, analisaremos a lógica do método, fundamentalmente holística e contingente, que casa com a idiosincrasia dos casos objeto de estudo e chega a cobrir as necessidades do coletivo. Na segunda parte, explicitaremos as características éticas e políticas desta abordagem, a partir de uma perspectiva pró-ativa e de justiça social, em prol da transformação e melhoria da situação.

A lógica da abordagem biográfico-narrativa

A narrativa é uma abordagem processual que ajuda a compreender e a recriar a vida humana em toda a sua complexidade (Bolívar, Fernández & Domingo, 2001). Forma-se a partir das vivências e circunstâncias que ocorrem ao longo do percurso vital. É a lógica e a forma de expressão que parece adaptar-se melhor às características dessa vivência e, em consequência, a forma mais adequada em que se pode entender e expressar. Permite vislumbrar o sentido que cada sujeito outorga aos atos em que se encontra, ou em que outros se encontram imersos, e é capaz de compreender a complexidade da vida humana.

A metodologia biográfica enquadra-se, epistemologicamente, na

corrente científica que persegue o estudo de fenómenos sociais a partir da interpretação da experiência vital. Como foco de investigação, é uma reconstrução simbólica dessa experiência, tendo em conta as circunstâncias que se sucedem aos acontecimentos. Isto deveria facilitar o desenvolvimento de interpretações plausíveis e a compreensão adequada a cada caso. Concretamente, esta abordagem permite conhecer a vida das pessoas para examinar as experiências sobre as quais se estabelece o foco da investigação, de maneira contextualizada. É que a metodologia biográfica presta atenção à ecologia entre os diversos componentes da realidade social. A análise biográfica não se dirige, exclusivamente, às particularidades individuais mas, para além de examinar a vida sujeita a estudo, pretende analisar os elementos e as interações que a configuram no sistema social em que se encontra imersa. O ser humano não só dá corpo ao individual, mas também ao social. Assim, a experiência pessoal pode constituir-se como uma via de conhecimento do sistema social, cultural, político, económico e educativo. A biografia não só permite ver o indivíduo mas, sobretudo, o sujeito (influenciado e influenciador do contexto) e, portanto, vê todo o contexto social em que se encontra envolvido.

A abordagem biográfica deve combinar, assim, uma qualidade que Waller e Simmons (2009) equiparam às habilidades que têm certas aves, capazes de manter uma vista panorâmica do cenário, ao mesmo tempo que fixam o seu olhar sobre um ponto concreto que suscita interesse. A investigação biográfica deve ser uma lente que permita a visão combinada e certa de ambas as perspetivas. Neste caso, das histórias de estudantes não-tradicionais no ensino superior, para saber, de forma interseccional (Peterson, 2012), como estão a viver a experiência e conhecer que elementos estão a facilitar ou a dificultar um desenvolvimento adequado dessa experiência.

Vantagens éticas e políticas das narrativas biográficas

Ao longo da história, os grupos mais poderosos tiveram a capacidade para criar, transmitir e, inclusivamente, impor a versão dominante dos acontecimentos. Estes grupos tentaram fazer prevalecer uma versão

determinada dos factos e da história sobre o conjunto da cidadania, com o propósito de controlar e gerir a população com base nos seus interesses. No entanto, esta versão dominante não é a única pois, na realidade, haverá tantas versões quantos os sujeitos que participaram, direta ou indiretamente, nos acontecimentos de que se trate. O ensino superior não é uma exceção. A imagem que prevalece no imaginário social não é, necessariamente, a que vivem todos os seus membros. Por isso, agora queremos conhecer, em primeira mão, a versão que experienciam os estudantes não-tradicionais.

Nos nossos dias, as alternativas democráticas que existem em certos lugares do mundo, graças às novas tecnologias, estão a abrir a possibilidade de que os discursos, os acontecimentos e a história se possam escrever de forma mais plural e heterogénea. Nesta lógica, por vezes podem escutar-se outras versões dos factos, que mostram que a realidade não tem uma única face, mas que depende da perspectiva de partida.

Compreendendo que todo o relato é um constructo vivo, que se deveria elaborar a partir do cruzamento de todas as versões existentes sobre o assunto em questão, começa a ganhar força uma corrente que questiona o domínio da versão dominante. Pretende incorporar a memória a partir do singular, completando um desenho multiforme que dificilmente se pode finalizar, a não ser a partir do contraste e da pluralidade de perspectivas (Cortés & Medrano, 2007).

Marinas e Santamarina (1993), afirmam que “a marcha da história tem mais de processos e de experiências anónimas, do que de heróis e batalhas heroicas” (p. 10). São precisamente essas histórias anónimas e particulares que chamam a atenção de muitos dos trabalhos que se desenvolvem a partir de um foco biográfico. Esta é uma abordagem especialmente adequada para a análise das realidades singulares ou de grupos minoritários, como é o caso dos estudantes não-tradicionais. Trata-se de histórias desconhecidas que é necessário conhecer, porque são as vivências e pensamentos dos estudantes que, na maioria dos casos, nos permitem compreender as dificuldades dos estudantes para aceder e frequentar o ensino superior. Os seus relatos são

fundamentais para aprender e melhorar essa etapa do sistema educativo.

Tornar visível a complexidade e dificuldade que essas pessoas ou grupos minoritários enfrentam é uma questão de justiça (Herrera-Pastor & De Oña, 2017). Por isso, a metodologia biográfico-narrativa realiza a sua contribuição, tornando visíveis as diversas problemáticas sociais, através de histórias, localizando e ajuizando os diferentes desajustes que se colocam e vislumbrando vias de solução correspondentes (Pujadas, 2002). Deste modo, poder-se-á melhorar o ensino superior e o conjunto da sociedade estará em melhores condições para avançar, em termos de equidade e bem-estar social.

O esforço de tornar visíveis as injustiças, que se está a realizar nos últimos tempos, é muito importante. A investigação biográfica faz emergir realidades e problemáticas minoritárias, que muitas vezes estão esquecidas, não se resolvem ou tratam-se de uma maneira insatisfatória (Ferrarotti, 1993). Essa visibilidade traz à discussão a necessidade de abordar estes dilemas, na tentativa de solucioná-los. Contribuir com esta configuração de uma sociedade com uma verdadeira igualdade de oportunidades deve ser uma das finalidades das Ciências Sociais. É uma aproximação mais humana à forma de entender e articular as Ciências Sociais (Plummer, 2001). Neste sentido, os investigadores sociais devem questionar os aspetos que gerem opressão, desigualdades, dificuldades ou, simplesmente, menos possibilidades de desenvolvimento (Measor & Sikes, 2004).

Tornar públicas estas realidades pretende, também, ter um efeito conscientizador (Freire, 2002), que permita ao conjunto da sociedade conhecer as situações encobertas que formam parte do nosso mundo. As biografias têm a virtude de nos pôr em contacto com realidades excluídas, de forma sensível. Isto supõe construir uma ponte que possibilite um melhor conhecimento dessa realidade e estimula a reflexão sobre ela, habitualmente a partir do contraste com a própria experiência. Tudo isto pode contribuir para gerar uma situação de aprendizagem e de crescimento individual e social, pois permite ao investigador colocar-se no lugar do biografado, a partir dos

seus argumentos e emoções. Como afirmam González e Padilla-Carmona (2014, p. 82), a biografia resulta num “mecanismo que facilita a empatia”, um sentimento a fomentar para desenvolver uma maior sensibilização social e uma compreensão mais pertinente da realidade. Trata-se de situações que devem ser contadas e conhecidas, para que as tenhamos presentes e não caiam no esquecimento. Entendida desta maneira, a investigação biográfica tem uma dimensão política, pois através dessa sensibilização podem-se ir criando cidadãos e sociedades cada vez mais conscientes, melhor preparados, com uma maior capacidade de lutar contra as injustiças e para atuar de modo coerente, sem reforçar os estereótipos ou circunstâncias que perpetuem as situações de desvantagem das pessoas afetadas. Isto deveria contribuir para a configuração de um ambiente social mais justo e com maiores níveis de coesão social (Witherell, 1998).

Portanto, os relatos biográficos não pretendem, unicamente, desenhar um mundo pessoal ou informar sobre casos singulares. Também se quer estimular o desenvolvimento de uma consciência ética que impulse a participação cidadã e construa um maior compromisso cívico.

Por outro lado, difundir os relatos daqueles que vivem este tipo de situações, neste caso, o dos estudantes universitários não-tradicionais, situa os seus protagonistas no espaço social (González-Monteagudo, 2010), já que, habitualmente, se trata de pessoas cujos testemunhos têm escassa transcendência e repercussão. Fazer de amplificador de quem, normalmente, não tem oportunidade de ser ouvido, constitui-se como um elemento democratizador.

Nesse sentido, a investigação biográfica resulta, como defendeu Carter (1993, citado por Bolívar, Domingo e Fernández, 2001), numa “quebra” dos modos habituais de compreender e investigar o social pois, em lugar de reduzir e delimitar a realidade para encaixá-la num modelo previsto de interpretação, o papel desta abordagem é possibilitar a “narratividade” da experiência, para criar um contexto mais inclusivo. No caso dos estudantes não-tradicionais, iluminando o cenário universitário com condições que

permitam o desenvolvimento pleno de todos os seus estudantes.

A entrevista narrativo-biográfica como estratégia metodológica a usar com estudantes não-tradicionais

Tendo em conta que a principal técnica de recolha de informação da abordagem narrativa é a entrevista biográfica, biográfico-narrativa ou de história de vida, esta secção é especificamente dedicada a aprofundar este aspeto, para que o tratamento dos dados se possa fazer de forma rigorosa.

A grande maioria destas entrevistas realiza-se a partir de um guião aberto, que permite obter um conhecimento amplo das experiências educativas, familiares e quotidianas dos estudantes, incluindo os não-tradicionais (Bolívar, Domingo & Fernández, 2001; Cousin, 2009; González-Montegudo, 2008; Mader, 1995; Merrill, 1999; Merrill & West, 2009; Wengraf, 2001).

Perspetivas teóricas e metodológicas sobre as entrevistas

Em relação à investigação biográfica e às entrevistas de história de vida, Miller (2000) distingue e sintetiza três abordagens: realista, neopositivista e narrativa. O enfoque realista é indutivo e defende um tipo de entrevista não-diretiva ou semi-diretiva. Tem uma forte relação com a grounded theory (teoria fundamentada). O ponto de vista dos atores sociais é fundamental, pois supõe um elemento importante da realidade social. As propostas de Bertaux (1997) sobre o uso dos relatos de vida na investigação sociológica são um bom exemplo da abordagem realista.

O enfoque neopositivista é dedutivo e pretende verificar os fenómenos estudados a partir de hipóteses. O ponto de vista dos sujeitos concebe-se como uma mediação entre a perceção e a estrutura. Presta-se atenção às mudanças, sob o ponto de vista dos atores sociais, em relação ao tempo e com as estruturas e instituições. Nesta abordagem a validade é um tema relevante.

A abordagem narrativa refere-se às histórias de vida no sentido amplo do termo. Entende-se a realidade como algo não só construído, mas também

fluido e dependente das situações específicas em que se produz a narração. A compreensão de pontos de vista singulares e subjetivos das pessoas passa para primeiro plano. A relação interpessoal entre entrevistador e sujeito entrevistado adquire grande relevância. Este terceiro enfoque é aquele que nos parece mais adequado para explorar os itinerários e as experiências dos estudantes não-tradicionais.

Para Ortí (1993) “a entrevista é um diálogo cara-a-cara, direto e espontâneo, de uma certa concentração e intensidade, entre o entrevistador e o entrevistado, que orienta o discurso lógico e afetivo da entrevista de forma mais ou menos diretiva, segundo a finalidade perseguida” (p. 172). Denzin (1978 citado em Goetz & LeCompte, 1984) distingue três tipos de entrevista: estandardizada pré-sequencial, que consiste num questionário administrado de forma oral; estandardizada não-sequencial, na qual se formulam as mesmas perguntas para todos os sujeitos, ainda que com a possibilidade de alterar a ordem das questões; e não-estandardizada, que se caracteriza por ter um formato aberto. Este último tipo de entrevista, por sua vez, tem diversos formatos e pode ser etiquetada como qualitativa, aberta ou em profundidade.

Ainda que alguns autores (Taylor & Bogdan, 1984; Woods, 1986) defendam que a entrevista consiste numa conversa entre iguais, consideramos que a entrevista não é um simples diálogo ou uma mera conversa, pois o seu propósito principal consiste em obter um testemunho do informante. O papel do entrevistador consiste em saber escutar e saber perguntar. Como considerava Thompson (2000), “uma entrevista não é um diálogo ou uma conversa. O mais importante é conseguir que o informante fale. O papel do entrevistador consiste, basicamente, em escutar... o momento para a conversa chegará mais tarde, quando se desligue o gravador” (p. 238).

O trabalho com entrevistas implica uma combinação constante de trabalho no gabinete e no campo e abarca três fases sucessivas: planificação, realização e interpretação, ainda que, na realidade, esta sequenciação seja muito mais complexa. Na fase da planificação leva-se a cabo um trabalho

de documentação, no nosso caso sobre os coletivos universitários não-tradicionais. Também se elabora o protocolo ou guião da entrevista.

Neste ponto, propomos um guião específico de entrevista dirigido a estudantes não-tradicionais, que utilizámos no decurso de um projeto europeu já concluído (González-Monteagudo, 2010). Em primeiro lugar, sugerimos explorar a família de origem e as experiências escolares anteriores à universidade. Trata-se de temas amplos que ajudam a construir o contexto global do caso. Posteriormente, abordamos quatro grandes áreas da vida universitária: acesso e adaptação; a docência, a aprendizagem, a avaliação e os professores; o clima institucional e a vida quotidiana universitária; e a identidade pessoal e educativa.

Os objetivos que perseguimos com este guião são os seguintes: a) documentar as vozes e perspectivas dos estudantes sobre as suas experiências de aprendizagem; b) identificar os fatores que promovem ou dificultam o acesso, a permanência e o abandono dos estudantes universitários não-tradicionais (classe social, género, etnicidade, deficiência); c) conhecer os fatores que promovem ou limitam a construção da identidade de aprendizagem dos estudantes não-tradicionais para que cheguem a ser estudantes eficazes, e que facilitam ou inibem a conclusão da formação; d) identificar e descrever as dimensões estruturais, culturais e pessoais sobre aprendizagem e agência, que caracterizam a vida dos estudantes; e) valorizar os benefícios, para a pessoa e para a sociedade, da participação no ensino superior. O esquema que desenvolve, em seis secções, o guião da entrevista, é o seguinte:

A) Família de origem:

- Educação e ocupações habituais dos pais.
- Os irmãos: formação, ocupações e situação socioeconómica.
- Auto adscrição a classe ou grupos sociais; trabalho, desemprego e economia.
- Ócio e tempo livre, relação sociais.
- Transições e crises importantes, realizações mais importantes, valores aprendidos e transmitidos em casa.
- Religiosidade e participação política.

- Atitudes e influências familiares em relação à aprendizagem, formação e escola.
- Modo de financiamento dos estudos.
- Influências familiares em relação a casos específicos de imigração, mulheres que vivenciam desigualdades, pessoas com deficiência.

B) Escola (desde o jardim de infância até ao final do secundário):

- Tipologia dos centros educativos e opiniões sobre os mesmos.
- Autoconceito como estudante.
- Experiências como estudante e evolução ao longo do tempo.
- Opiniões e recordações sobre os professores. Relações com os professores.
- Disciplina escolar, controlo de conduta e castigos.
- Preferências em relação a matérias escolares.
- Transições, crises e momentos difíceis ao longo da escolaridade.
- Mentores e pessoas mais significativas no período escolar.

C) Acesso e adaptação à Universidade:

- Fatores relacionados com o projeto de estudar na universidade.
- Pessoas influentes no processo de chegada à universidade.
- Processo de acesso à universidade.
- Recordações e experiências das primeiras etapas na universidade.
- Processo de adaptação ao meio universitário.
- Mudanças mais significativas derivadas da frequência do ensino superior.
- Valorização da família, derivada do facto de ser estudante universitário.
- Bolsas e apoios sociais obtidos.

D) Docência: aulas, práticas, trabalhos, tutorias. Professores.

- As aulas e as tutorias: assistência, utilidade e dificuldades.
- As práticas e os trabalhos práticos. O trabalho em grupo.
- Opiniões sobre os professores.
- Experiências relativas às diferentes unidades curriculares frequentadas.
- Grau de satisfação com as aulas e práticas.
- Opiniões e valorização sobre os diferentes serviços universitários.
- Valorização global da formação recebida.
- Valorização da relação entre os estudos e o perfil profissional da licenciatura

e as oportunidades laborais futuras.

E) Clima e ambiente institucional. Vida universitária fora das aulas:

- Relações interpessoais com os colegas e professores.
- Gestão do tempo disponível.
- Atividades e ocupações habituais no tempo livre.
- Aspectos e dimensões da universidade que favorecem ou dificultam os estudos.
- Valorização da resposta que oferece a universidade em relação às necessidades específicas dos estudantes.
- Organização do tempo de estudo em casa.

F) Identidade pessoal e educativa:

- Um dia típico na universidade.
- Crises pessoais e académicas mais importantes da etapa universitária.
- Grau e tipo de participação na vida universitária.
- Realizações académicas e pessoais mais importantes nesta etapa universitária.
- Evolução e mudanças em relação aos estudos universitários.
- Áreas principais nas quais o estudante acredita necessitar de melhoria académica.
- Valorização dos resultados das avaliações e exames.
- Principais dificuldades experienciadas como universitário.
- Integração social na universidade.
- Motivações para continuar e completar a trajetória universitária.
- Objetivos principais para a vida, uma vez concluídos os estudos universitários.
- Propostas para melhorar a situação académica e institucional dos estudantes universitários não-tradicionais.

De referir que é importante explicar bem aos participantes os objetivos e características do projeto e da entrevista (formato, duração aproximada, forma de registro e uso posterior da entrevista). É forçoso garantir que as entrevistas se desenvolvam e explorem segundo critérios éticos aceitáveis, que incluem o consentimento informado, o respeito, a privacidade e a

informação racional sobre o projeto.

As narrações dos estudantes não-tradicionais costumam refletir uma grande variedade de questões relativas a classe social, gênero, o trabalho e a migração, itinerários educativos, mentores, redes familiares, mudança social e novas tecnologias. As biografias destes estudantes realçam o cruzamento completo entre agência e estrutura, entre itinerários individuais e padrões sociais como a classe social, gênero e a ocupação. Na investigação que realizámos e à qual este guião diz respeito (González-Monteagudo, 2010) estávamos interessados nas trajetórias individuais, como uma forma de aprofundar os motivos que explicavam o êxito ou o fracasso educativos, dentro de ambientes sociais e familiares bastante similares.

Entendemos que o acesso à formação e o desenvolvimento das carreiras de aprendizagem não podem explicar-se meramente em termos de probabilidades estatísticas ligadas a fatores sociais e familiares como classe social, nível educativo dos pais, ocupação dos pais ou do próprio estudante quando adulto, rendimento familiar ou lugar de residência. Por isso, e em sintonia com os argumentos desenvolvidos ao longo deste capítulo, precisamos de aprofundar os processos subjetivos através dos quais os estudantes constroem e dão sentido às suas vidas educativas. Estas vidas educativas só podem ser compreendidas cabalmente quando levamos em linha de conta o eixo temporal da biografia pessoal, familiar e social, no âmbito dos diferentes contextos, agências e grupos nos quais os estudantes estão envolvidos. O perfil da entrevista que propusemos pode ser um instrumento importante neste processo.

Os testemunhos dos estudantes não-tradicionais tendem a aprofundar as dificuldades e oportunidades no acesso à universidade, caracterizada como um mundo novo, o que implica o desafio de estar à altura das expectativas que os outros têm sobre os estudantes. Esta questão relaciona-se com a identidade, o autoconceito, a mudança pessoal e a integração interpessoal e institucional em meio universitário.

A identidade dos estudantes transforma-se, como consequência dos estudos universitários. Nas entrevistas é frequente que manifestem como a universidade fez aumentar a sua autoconfiança. Também é importante realçar o papel do reconhecimento, que constitui uma dimensão simbólica significativa. Com efeito, os estudantes insistem na satisfação de ser, em muitos casos, os primeiros da sua família que irão conseguir obter um grau universitário.

Os itinerários de aprendizagem universitária dos grupos mais vulneráveis mostram-nos a capacidade de ação dos sujeitos, dentro de condições particulares, sociais, económicas e culturais que, ao mesmo tempo, limitam e possibilitam o acesso à formação e à sua conclusão com êxito.

Conclusões

A educação inclusiva tem muito caminho a percorrer no âmbito do ensino superior. As políticas universitárias que, na Europa, se dirigem especificamente aos grupos não-tradicionais, não terão êxito, a menos que a experiência de aprendizagem dos estudantes seja levada em conta. Neste ponto de vista, as universidades precisam de mudar para dar resposta às necessidades desses grupos, evitando assim o fracasso e o abandono (Freda, González-Monteagudo & Esposito, 2016). Neste processo, a abordagem biográfico-narrativa pode ajudar a conhecer melhor as vozes, experiências e necessidades dos grupos universitários não-tradicionais.

Esta abordagem revelou-se muito adequada para o estudo da realidade, ao mesmo tempo que possui uma natureza que permite construir as histórias a partir das perspetivas dos seus protagonistas, incorporando assim uma visão dessa realidade, geralmente minoritária.

Nestes dias caracterizados pela desigualdade e pela precariedade, temos de continuar a reivindicar o valor da formação como instrumento para melhorar a vida pessoal e laboral. Nesta perspetiva, os estudantes a quem chamamos não-tradicionais têm muito a ensinar-nos, sempre que sejamos capazes de compreender e escutar o que nos possam dizer.

Referències

- Atkinson, P. (1992). *Understanding ethnographic texts*. London: Sage.
- Atkinson, R. (1998). *The life story interview*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Bertaux, D. (1997). *Les récits de vie*. París: Nathan.
- Bolívar, A., Domingo, J., Fernández, M. (2001). La investigación biográfico-narrativa en educación. Enfoque y metodología. Madrid: La Muralla.
- Cortés, L. y Camacho, M^a. M. (2003). *¿Qué es el análisis del discurso?* Barcelona: Octaedro.
- Cortés, A., Medrano, C. (2007). Las historias de vida: fundamentación y metodología. En C. Medrano (coord.), *Las historias de vida. Implicaciones educativas* (47-80). Buenos Aires (Argentina): Alfagrama ediciones.
- Cousin, G. (2009). *Researching Learning in Higher Education*. New York: Routledge.
- Ferrarotti, F. (1993). Las biografías como instrumento analítico e interpretativo. En J.M. Marinas e C. Santamarina (eds.), *La historia oral: Métodos y experiencias* (129-148). Madrid: Editorial Debate.
- Freda, M. F., González-Monteagudo, J., Esposito, G. (Eds.) (2016). *Working with Underachieving Students in Higher Education: Fostering inclusion trough narration and reflexivity*. London: Routledge.
- Freire, P. (2002). *Pedagogía del oprimido*. Madrid: Siglo Veintiuno de España editores.
- García-Rodríguez, M. P., Meseguer-Martínez, L., González-Losada, S., Barrera-Torrejón, A. R. (2014). Aprendizaje a lo largo de la vida: éxito y futuro del sistema de acceso a la Universidad para Mayores de 40 y 45 años en Andalucía. *Revista de Educación*, núm. 363, 101-127. DOI: 10-4438/1988-592X-RE-2012-363-172.
- Goetz, J. P., LeCompte, M. D. (1984). *Etnografía y diseño cualitativo en investigación educativa*. Madrid: Morata.
- González, M.F., Padilla-Carmona, M.T. (2014). *Investigación narrativa: las*

- historias de vida. In B. Ballesteros Velázquez (coord.), *Taller de investigación cualitativa* (77-102). Madrid: UNED.
- González-Monteagudo, J. (2008). Des approches non francophones en Histoires de vie en Europe. Note de synthèse. *Pratiques de formation / Analyses*, 55, 9-83.
- González-Monteagudo, J. (2010). Biografía, identidad y aprendizaje en estudiantes universitarios no tradicionales. Estudio de caso de una mujer trabajadora. *Profesorado: Revista de currículum y formación del profesorado*, Vol. 14, nº 3, 131-147.
- González-Sanmamed, M., Raposo-Rivas, M. (2009). Valoraciones del profesorado universitario sobre las acciones que pueden favorecer el proceso de convergencia europea. *Revista de Educación*, núm. 349, 361-390.
- Herrera-Pastor, D., De Oña, J.M. (2017). La personalización de la intervención educativa proporciona igualdad de oportunidades a los menores en situación de riesgo. *Revista internacional de educación para la justicia social*, 6 (2), 149-165.
- Johnston, R. (2011). Access and retention: experiences of non-traditional learners in higher education literature review. Final extended version. Recuperado de http://www.dsw.edu.pl/fileadmin/www-ranlhe/files/Literature_Review_upd.pdf
- Mader, W. (1995). Thematically guided autobiographical reconstruction: On theory and method of "Guided Autobiography" in adult education. In P. Alheit et al. (Eds.), *The biographical approach in European adult education* (244-257). Viena: Verband Wiener Volksbildung.
- Marinas, J.M., Santamarina, C. (eds.) (1993). *La historia oral: Métodos y experiencias*. Madrid: Editorial Debate.
- Measor, L., Sikes, P. (2004). Una visita a las historias de vida. Ética y metodología de la historia de vida. In I.F. Goodson (ed.), *Historias de vida del profesorado* (269-295). Barcelona: Octaedro.
- Merrill, B. (1999). Gender, Change and Identity: mature women students in

higher education. Aldershot: Ashgate.

- Merrill, B., West, L. (2009). *Using biographical methods in social research*. London: Sage.
- Miller, R. (2000). *Researching life stories and family histories*. London: Sage.
- Ortí, A. (1993). La apertura y el enfoque cualitativo o estructural: la entrevista abierta semidirectiva y la discusión de grupos. In M. García Ferrando et al. (comps.), *El análisis de la realidad social: Métodos y técnicas de investigación* (171-203). Madrid: Alianza.
- Petersen, A. J. (2012). Imagining the possibilities: Qualitative inquiry at the intersections of race, gender, disability, and class. *International Journal of Qualitative Studies in Education*, 25(6), 801-818.
- Plummer, K. (2001). *Documentos of life 2. An invitation to a critical humanism*. London: Sage.
- Pujadas, J. J. (2002). *El método biográfico: El uso de las historias de vida en ciencias sociales*. Madrid: Centro de Investigaciones sociológicas.
- Taylor, S. J., Bogdan, R. (1984). *Introducción a los métodos cualitativos de investigación*. Barcelona: Paidós.
- Thompson, P. (2000). *The voice of the past. Oral History* (3rd ed.). Oxford: Oxford University Press.
- Valles, M. S. (2002). *Entrevistas cualitativas*. Madrid: Centro de Investigaciones Sociológicas.
- Wengraf, T. (2001). *Qualitative research interviewing*. London: Sage.
- Wetherell, C.S. (1998). Los paisajes narrativos y la imaginación moral. Tomar la narrativa en serio. In H. McEwan e K. Egan (comps.). *La narrativa en la enseñanza, el aprendizaje y la investigación* (72-85). Buenos Aires: Amorrortu Editores.
- Woods, P. (1986). *La escuela por dentro. La etnografía en la investigación educativa*. Barcelona: Paidós.